



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 33 – dezembro de 2024**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2024i33p87-102>

**Pensamento Fraco, *Verwindung*, *Ueberwindung* e capitalismo: o  
personagem Júnior de *A arte de produzir efeito sem causa* e a pós-  
modernidade neoliberal**

**Weak Thought, *Verwindung*, *Ueberwindung* and Capitalism: the  
character Junior from *A arte de produzir efeito sem causa* and the  
neoliberal postmodernity**

*Juliana Rozário do Nascimento\**

*Allison Leão\*\**

*Márcio Páscoa\*\*\**

## **RESUMO**

*A arte de produzir efeito sem causa* (2008), de Lourenço Mutarelli, narra a vida de Júnior após deixar mulher e filho e voltar para a casa do pai. O autor constrói a ficção de forma que o íntimo do personagem dialoga com realidades socioeconômicas, socioculturais, psicológicas e afetivas. O artigo investiga o personagem como representação de nossa época, a partir da noção de pós-modernidade de Vattimo (1992; 2002). Utiliza-se dos seus conceitos de pensamento fraco (débil), *Verwindung* e *Ueberwindung* e as ideias de valor aí inferidas. Também é estabelecida uma relação desses conceitos com o capitalismo líquido de Bauman (2001), de modo a traçar a influência do consumo e do trabalho na vida do personagem, mostrando a fragilidade das estruturas tradicionais diante de um mundo cada vez mais fluido. A abordagem teórica é completada por Han (2015), acerca do neoliberalismo, valor de produção e as transformações que isso provoca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance brasileiro; Estudos do contemporâneo; Mutarelli; Bauman; Han

---

\* Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus – AM – Brasil – [jrdn.mla23@uea.edu.br](mailto:jrdn.mla23@uea.edu.br)

\*\* Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus – AM – Brasil – [allisonleao@uea.edu.br](mailto:allisonleao@uea.edu.br)

\*\*\* Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus – AM – Brasil – [mpascoa@uea.edu.br](mailto:mpascoa@uea.edu.br)



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 33 – dezembro de 2024**

**ABSTRACT**

*A Arte de Produzir Efeito Sem Causa* (2008), by Lourenço Mutarelli narrates Junior's life, after leaving his wife and children and returning to his father's home. The narrative is built in such a way that the character's intimate experiences engage with socio-economic, sociocultural, psychological, and affective realities. This article aims to examine Junior as an allegory of our time, drawing on the notion of postmodernity by Vattimo (1992; 2002). The analysis primarily relies on Vattimo's concepts of weak thought, *Verwindung* and *Ueberwindung*, and the associated ideas of value. A connection is established between these concepts and Bauman's (2001) liquid capitalism to trace the influence of consumerism and work on the character's life, revealing the fragility of traditional structures in a fluid world. The theoretical approach is complemented by Han's (2015) reflections on neoliberalism, production value, and the transformations that this causes.

**KEYWORDS:** Brazilian novel; Contemporary studies; Mutarelli; Bauman; Han

## Introdução

Lourenço Mutarelli é um escritor brasileiro, nascido em São Paulo, na década de 1960. O autor, que atuava como quadrinista entre os anos de 1980 e 2000, iniciou a sua jornada literária em 2002, com o romance *O cheiro do ralo*, que foi adaptado para o cinema em 2006. Em 2004, foram publicados *O natimorto: um musical silencioso* e *Jesus Kid* – o primeiro teve adaptação para o cinema em 2009, com o próprio Mutarelli como ator principal, no papel de “o Agente”. No intermédio dessas produções artísticas, ele se dedicava à criação e a projetos paralelos, como animações, peças teatrais e seus notórios quadrinhos.

Devido à sua relação com a arte de gravuras, muitas obras de Mutarelli possuem desenhos feitos pelo próprio autor. No caso de *O grifo de Abdera*, publicada em 2015, uma sequência inteira da obra é escrita em forma de quadrinho, o que dá uma dinâmica inusual para a leitura por meio do corte semiótico com o qual o leitor se depara.

A literatura de Mutarelli retrata constantemente a baixa classe média das grandes cidades no Brasil, mais especificamente de São Paulo. Os protagonistas geralmente são homens de meia idade que fracassaram em alguns ou em muitos âmbitos da vida. Há uma constante busca por aprovação, por sentido de vida ou simplesmente por formas de preencher vazios. Esses vazios oscilam entre o consciente e o inconsciente dos personagens, tornando-se parte de fatores para desencadear atitudes erráticas.

Em diversas entrevistas, o escritor comenta que suas obras se relacionam com o momento em que ele próprio se encontra. A respeito disso, Paes afirma que “[...] a tônica do discurso mutarelliano é a inquietação e o fracasso, é neste sentido que o autor escreve sobre si (e se autorretrata) em muitas de suas obras” (2023, p. 36).

Em 2008, foi publicado *A arte de produzir efeito sem causa*, romance que retrata a vida de Júnior, um homem de 43 anos que, após abandonar o emprego e o filho, por ter sido traído pela esposa, retorna para a casa de seu pai, Sênior. A obra traz representações ácidas do cotidiano do protagonista e é toda atravessada por uma atmosfera de letargia. Essa letargia se relaciona com o tempo, que é representado de forma parcialmente linear: há diversos lapsos temporais devido às representações de memória, sonho e loucura de Júnior. A letargia e esses lapsos temporais são acentuados por certa afasia de Junior, personagem com grande dificuldade de verbalização e socialização dos pensamentos. Frequentemente, o narrador tenta seguir o fio dos pensamentos de Junior, mas se vê malgrado nesse intento pela opacidade linguística do homem.

Em contraponto a essa obscuridade interna do personagem, a história é composta por uma riqueza de detalhes; porém, isso se dá do ponto de vista da ambientação e da externalidade material, aspecto verificável em exemplos como: “Curiosamente não há câmera. Não é preciso sorrir” (Mutarelli, 2008, p. 12); “apanha um pedaço de pão no saco pardo que agradece a preferência” (p. 18); “vaso que guardava canetas sem tampa” (p. 79). Esses detalhes não apenas auxiliam na imersão durante a leitura, mas também informam sobre quão meticuloso o autor pode ser.

Traços culturais e cotidianos de uma classe média decadente e de uma estrutura familiar brasileira são expostos de forma recorrente. De modo geral, esses traços decorrem do registro de certo universo das coisas e dos objetos, amiúde distribuídos nas cenas narrativas. Essa atmosfera é ainda reforçada pelo uso de clichês linguísticos. São exemplos de ambas as estruturas: “O menino chorando é uma reprodução clássica que decorava as casas da classe média baixa” (p. 18); “Serve-se de água do filtro de barro” (p. 47); e o conhecido ditado utilizado repetidamente na obra “Porque onde come um comem dois” (p. 118). De certa maneira, essas construções ilustram a inscrição social dos personagens.

O objeto de estudo deste artigo, o protagonista Júnior, é um homem soturno que busca (ou pelo menos finge buscar) novos significados para sua vida após o drama pessoal. Isso faz o personagem se sentir cada vez mais deslocado socialmente. Assim, entre sonhos e memórias, Júnior passa seus dias vasculhando coisas no apartamento de seu pai, dormindo ou vagando pelas ruas à procura de alguma distração, até finalmente ser tomado pela loucura, que é acentuada por pacotes misteriosos sem remetente que são recebidos pelo correio.

O estado de espírito de Júnior pode ser mais bem compreendido a partir de uma reflexão que Gianni Vattimo faz acerca do niilismo nietzscheano, que está na origem da elaboração da tese do filósofo italiano sobre o “pensamento fraco”, e que, a nosso ver, elucida aspectos relevantes da estética do nosso tempo.

Os principais fundamentos da ideia de modernidade ruíram diante da constatação sobre o fim da história como curso unitário e evolutivo dos fatos. Uma dessas crenças era a visão unitária das coisas, aquilo que Vattimo entende como o “pensamento sólido”, que, se não único, certamente foi dominante até a alta modernidade. Assim, não há mais apenas uma ideia de Deus, fazendo passar a discussão sobre seu entendimento à luz de uma hermenêutica mais maleável; do mesmo modo, a ideia de emancipação como finalidade da era moderna também estará abalada.

Com base nisso, Vattimo desenvolveu uma reflexão sobre o pensamento fraco (débil), ou seja, a da pluralidade de entendimentos sobre qualquer tema, a depender do contexto dos indivíduos. Tal conceito é exposto em alguns de seus livros, dos quais foram selecionados *A sociedade transparente* (1992) e *O fim da modernidade* (2002) para a composição deste trabalho.

Nesta análise, as discussões propostas por Bauman a partir da ideia de capitalismo leve, próprio da modernidade líquida, e por Han, como sociedade do desempenho e desaparecimento dos rituais, concorrerão para o entendimento da obra de Mutarelli como instigadora de reflexões sobre o contemporâneo.

## 1 Júnior na pós-modernidade

Quando se trata de religião e misticismo, Mutarelli opta, em suas obras, pela multiplicidade e instabilidade. Crenças populares, teorias da conspiração e demonologia se fazem tão presentes em suas obras quanto qualquer elemento do cristianismo.

No caso de *A arte de produzir efeito sem causa*, a queda dos valores últimos permite que a espiritualidade de Júnior passe por várias fases. No início, ela é quase nula, pois ele mesmo afirma que a vida na cidade o afastou de qualquer religiosidade. Restava apenas tempo para o trabalho. Ao descobrir que a jovem Bruna, a inquilina de seu pai, sabe desenhar, o protagonista entra em uma reflexão sobre sua própria inabilidade artística. Tal reflexão ganha um viés teológico que o leva a questionar a existência de Deus, e até mesmo satirizar sua posição divina. É o que se observa no seguinte trecho:

Dom? Dádiva? Júnior filosofa. Deus fica presenteando certos eleitos com suas dádivas e deixa de dar atenção aos outros. Sentado em sua nuvem, escolhe seus escolhidos. Alguns serão bons desenhistas, outros sofrerão moléstias infernais. O filósofo Júnior se lembra das canções de Atahualpa que tocavam nos velhos discos do pai. Atahualpa questiona a existência de Deus: *Se Deus existe? Talvez sim, talvez não, mas uma coisa é certa: ele almoça na mesa do patrão* (Mutarelli, 2008, p. 38, grifo próprio).

Júnior possui um irmão do qual não é próximo. Em determinado ponto da história o pai tenta justificar, de forma mística, o curso de vida de seu filho caçula, Pedro, que está preso por tráfico de drogas. Sênior se refere a uma réplica da cabeça de Pedro feita de madeira que foi entregue como promessa, um ex-voto, e diz que, por culpa de Olga, sua esposa falecida, o filho ficou viciado em drogas. O protagonista descarta

completamente a hipótese e afirma que Sênior está se deixando enganar por Pedro, que é mentiroso. Naquele momento, Júnior ainda não demonstra nenhuma relação negativa relevante com o passado e sua relação com a mãe.

O pai acaba convencendo Júnior a visitar o irmão na penitenciária. Porém, nesse intermédio, o protagonista começa a ter sonhos com a mãe e a cabeça de madeira. No caminho para a visita, ele revive memórias quase perdidas de sua infância:

Quando estava com os outros da sua idade, sentava no balanço e pensava em sexo e no sobrenatural. Para os outros isso podia causar um frio agradável na barriga, para ele o frio se entranhava fundo. Via fantasmas. Sentia sua presença. Quando as conversas acabavam e ele saía para brincar, todo aquele assombro se apoderava de Júnior e ecoava em estranhas visões e sensações que ele guardava. Nunca dividia com ninguém. Sentia o frio que as manifestações causam quando querem materializar-se (Mutarelli, 2008, p. 173).

Ao lembrar do clube de campo no qual passou boa parte dos finais de semana de sua infância, Júnior relembra e revela uma parte de si próprio. Daí em diante, a narrativa assume um tom ainda mais íntimo, narrador e personagem, que já se mostravam de difícil separação, tornam-se quase uno. Apesar de o protagonista não se identificar como cristão, o comentário que faz Vicente de Paula Ferreira a respeito do tema é significativo:

[...] a morte de Deus que torna possível uma presença atualizada do cristianismo, pois o que de fato morre é a pretensão de dominar e manipular o próprio Deus. Dessa morte nascem a liberdade e a criatividade de novas expressões do próprio cristianismo (2011, p. 69).

Júnior passa a interpretar os fenômenos extraordinários que acontecem de sua própria maneira, os sonhos e as caixas misteriosas que recebe, ganham cada vez mais significações sobrenaturais.

Sugerimos que esses traços do personagem podem ser compreendidos à luz da forma volátil do pensamento débil. Desdobradamente, levando em consideração os modos de o protagonista se relacionar com seu entorno, acrescentamos uma possibilidade de leitura cruzada com os aspectos do “capitalismo líquido”, como explorado por Bauman (2001). A modernidade e o capitalismo passaram por transformações ao longo do tempo, e em suas mudanças mais drásticas pode-se notar uma diferença considerável na forma como são operados. Seu antecessor, o “capitalismo pesado”, estava incorporado à modernidade pesada; nele, os ideais eram baseados no sistema fordista, no qual volume, peso e quantidade ditavam o valor atrelado ao capital. Utilizava-se o regime de

acumulação. Havia também a concepção de conquista de espaço. Quanto maior o território dominado, maior o poder, o que acarretava a necessidade de otimização do tempo, já que para gerenciar o grande número de posses era necessário um vasto tempo.

Quando se trata do estado atual, líquido, sem as amarras do maquinário pesado, o espaço e o tempo acabaram perdendo seu valor: a nova ordem é a busca pelo que é compacto, valendo-se dos princípios de redução e fusão, seja para o trabalho, seja para o próprio trabalhador, de modo a “otimizá-los”. O mundo tenta, cada vez mais, aproximar-se do “instantâneo” (Bauman, 2001, p. 151).

Com a fluidez e a relatividade da pós-modernidade, não existe um modelo de vida fixo a ser seguido, ao contrário, há uma quantidade quase infinita de modelos. Para Bauman, esses modelos foram reformulados como “objetivos” que também são incalculáveis. Devido a isso, “[...] a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consoma-se na agonia quanto à escolha de objetivos” (Bauman, 2001, p. 79-80). Logo, o indivíduo deveria buscar objetivos que sejam mais palpáveis à sua realidade, sem esquecer que a satisfação provocada por sua conclusão é efêmera, acarretando uma procura incessante de um fim inatingível.

A infinidade de possibilidades coloca o sujeito em uma situação de precisar estabelecer prioridades. Em detrimento dessas escolhas, há sempre uma infelicidade pairando sobre o consumidor, ela “[...] deriva do excesso e não da falta de escolha. ‘Será que utilizei os meios à minha disposição da melhor maneira possível?’ é a pergunta que mais assombra e causa insônia ao consumidor” (Bauman, 2001, p. 82).

À vista disso, o consumo e o “ir às compras” pode ser visto como um “ritual de exorcismo”, pois, por ele, tenta-se aniquilar o fantasma da incerteza, uma vez que os consumidores gostariam de se sentir “[...] pelo menos uma vez, seguros, confiantes; e a admirável virtude dos objetos que encontram quando vão às compras é que eles trazem consigo (ou parecem por algum tempo trazer) a promessa de segurança” (Bauman, 2001, p. 105). O ato da compra consegue, efemeramente, preencher o vazio da incerteza, como nas seguintes passagens:

Quatro cuecas moderninhas acinturadas com grosso elástico. Dois pares de meias felpadas cinza. Uma calça de sarja cáqui com vários bolsos. Duas camisas em tons de terra pastel. Um chapeuzinho de pescador do tipo que o Woody Allen usa quando quer sair disfarçado pelas ruas de Manhattan. Divide em três vezes. Jurando a si mesmo honrar o Citibank. Cruza os dedos até ler: aprovada. Caminha carregando, orgulhoso, as sacolas que guardam sua nova forma de vestir. Seu novo estilo (Mutarelli, 2008, p. 33-34).

Passa na Fidalgo. Compra cuecas, meias e mais duas camisas. Duzentos e trinta e dois reais. Paga em dinheiro. Mais sacolas, maior amor próprio. Dá uma passada no bar e brinda com dois conhaques. Passa no mercado e faz uma comprinha para o pai (p. 115-116).

No primeiro trecho, Júnior não tinha nada além da carteira e a roupa do corpo, pois teve sua mala roubada no início da narrativa. Em dado momento, Sênior orientou o filho para que fosse comprar roupas em uma loja chamada Fidalgo. Júnior assim o fez. É possível ver a apreensão do personagem na expectativa da realização de sua compra, sua conta do banco estava vazia e não tinha certeza se havia saldo suficiente no cartão de crédito. Tal apreensão é seguida da satisfação causada pela aquisição dos produtos novos, refletindo, então, o poder que o consumo tem sobre o indivíduo.

Já no segundo excerto, após receber dinheiro de seu ex-chefe, Júnior decide ir às compras. O ato da compra mostrado no trecho não diz respeito à necessidade. Fica clara a importância do comprar, no trecho “Mais sacolas, maior o amor próprio”: o ato reflete no humor de Júnior, proporcionando uma satisfação, ainda que momentânea, de suas vontades, dando-lhe a confiança necessária para viver mais um dia no capitalismo leve.

Dados os dois âmbitos da vida do protagonista (o religioso e o social), verifica-se que o primeiro segue a máxima de pluralidade dos sentidos proposta pelo pensamento fraco, com a atribuição de experiências religiosas a acontecimentos insólitos, ainda que estes, de fato, não tenham relação explícita com aspectos religiosos. No segundo, o social, infere-se que a satisfação efêmera de Júnior, provocada pelo consumo, acaba sendo motivada por fatores externos que são facilmente alteráveis em razão dos moldes capitalistas. Sendo assim, a multiplicidade e a liquidez, propostas pelos dois autores, Bauman e Vattimo, são diluídas e entrelaçadas nos desdobramentos no livro.

## **2 A superação de Vattimo para Júnior**

Para Vattimo (2002), os princípios e as práticas que se referem à pós-modernidade concatenam-se a uma noção de superação, visto que a modernidade e a metafísica seriam “ultrapassadas”. É relevante expor o comentário de Baleeiro, no qual pontua que a pós-modernidade não é “[...] um estágio superior em relação à modernidade ou um rompimento, antes com o fato de que não estamos mais presos à necessidade de superação e novidade” (2010, p. 44).

A ideia de uma superação simples, como a transposição de um momento, ou de um acontecimento para o seguinte, já não é suficiente. Sendo assim, o filósofo italiano se utilizou de um termo heideggeriano, o *Verwindung*, que, apesar de ser bastante utilizado por Vattimo, aparece pouco nas obras do próprio Heidegger. Entretanto, vale pontuar que “o fato de o termo ser raro em Heidegger não invalida seu uso” (Baleeiro, 2010, p. 41).

*Verwindung* não é um conceito, mas, sim, um termo passível de múltiplas interpretações. No âmbito do léxico, ele possui três significados: o de convalescença, o de superação de perda ou dor e um significado intitulado como “mais marginal”, que é o de (dis)torção. O sentido de convalescência se relaciona com o de resignação, mas não é estritamente limitado à perda ou doença, pois “[...] superar a metafísica não é um passar além, mas recupera-se dela como de uma enfermidade, ao mesmo tempo com resignação pela impossibilidade de deixá-la totalmente para trás” (Baleeiro, 2010, p. 42). Diferente de *Ueberwindung*, que propõe o ultrapassar, entendido como um “deixar para trás”, no *Verwindung*, há a reminiscência de traços do passado, sem que haja qualquer necessidade de esquecimento.

O filósofo italiano ainda encontrou uma forma de equivalência em sua língua mãe, o *rimettersi*, que, apesar de não ter equivalência na língua portuguesa, aproxima-se do sentido de convalescença advindo do alemão.

Vattimo comenta a ideia de que, mesmo não nomeado, Nietzsche já desenvolvia uma noção que poderia ser relacionada ao *Verwindung*, partindo do preceito de que a consciência só tem um valor verdadeiro se ela pode ser aproveitada tanto no passado quanto no presente (Baleeiro, 2010, p. 44). O excesso dessa consciência pode ser um empecilho para a criatividade. É apenas por meio da arte e da religião que se poderia, de fato, superar a historicidade e, nesse cenário, a ciência seria vista em segundo plano. Sobre a fala de Nietzsche, Baleeiro postula que “[...] a partir desse contraste entre ciência e forças supra-históricas é possível compreender que a vida é mais importante que o conhecimento pois o conhecimento decorre e depende da vida” (p. 45).

É desenhado com esses traços débeis que o leitor encontra o protagonista de Mutarelli. Júnior se encontra em constante estado de busca por superação, desde a primeira página do livro, antes mesmo de sabermos sobre a separação, ele precisa superar a perda de seus pertences, pois foi roubado ao sair da estação de metrô.

A maior parte das superações feitas pelos protagonistas se aproxima de *Ueberwindung*, pois tencionam o apagamento do que foi ocorrido, principalmente quando se trata de acontecimentos dolorosos ou traumáticos. Dois exemplos claros disso são:

“Júnior apagou o irmão da memória. Como pretende fazer agora com a mulher e o filho” (Mutarelli, 2008, p. 37); “O que tem a perder? Um desenho? Uma natureza-morta rabiscada a carvão? Tudo se esvai. Tudo é ex” (p. 106).

Para acontecimentos mais corriqueiros, Júnior adota uma postura digna de *Verwindung*, como no momento em que supõe que Miranda, a vizinha cartomante, contaria seus segredos para Sênior: “E se Miranda contar para o pai? Júnior se viu traído por todos e ainda não pôde assimilar o golpe. Quer esquecer, ou melhor, perdoar. Perdoar sempre, esquecer jamais” (Mutarelli, 2008, p. 33).

Outra tentativa de *Ueberwindung* está na seguinte passagem:

Aos poucos essa sensação foi se dissipando, soterrada pela rotina e pelas experiências do cotidiano. Mas permaneceu nele, e com as recentes desilusões começou a ganhar força e se apoderar de seu inconsciente. 2006382156. Pinhão da partida. Sem a rotina, sem as distrações, sem que o mundo externo possa exercer seu fascínio, essas impressões estão agora contaminando o seu interior. Ele começa a se dar conta disso, nesse milionésimo de segundo em que foi invadido por um pavor inexplicável (Mutarelli, 2008, p. 174 - 175).

Como foi mencionado anteriormente, o protagonista possui uma relação complexa com o sobrenatural, relação esta que ele enfatiza que gostaria de nunca ter se lembrado. A rotina maçante e o tédio o fazem perceber que aquilo que ele achava ter acontecido quando era um menino na verdade foi sempre uma parte de si, deixando-o em um estado de medo e até de repulsa.

### 3 O indivíduo e as relações de valor

Segundo Byung-Chul Han (2015), a sociedade do século XXI passou a ser denominada sociedade do desempenho. Nela, os indivíduos não mais trabalham exclusivamente a mando de superiores, não são, por vezes, forçados ou coagidos a nada, assim desvinculando-se cada vez mais das proibições da sociedade disciplinar descrita por Foucault. Esses sujeitos acabaram se tornando “independentes”, não servindo ao outro, mas a si mesmos, o que acarreta uma ilusão de liberdade.

Os valores sólidos e absolutos deixariam de existir, mostrando a verdadeira essência do valor “[...] que é a convertibilidade, e a transformabilidade/ processualidade indefinida” (Vattimo, 2002, p. 6), ou seja, o valor possui fluidez e relatividade, moldando-se ao contexto no qual está inserido.

No conceito de sociedade do desempenho, o valor dos indivíduos se baseia na capacidade de produção: quanto maior a produção, maior o valor. Logo, aquilo que se intitulou como liberdade acaba por se tornar uma espécie de coerção sem origem, obrigando-se o próprio sujeito do desempenho a despendar cada vez mais seu tempo em trabalho.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor soberano de si mesmo. [...] Assim, o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coerciva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração (Han, 2015, p. 30).

A ideia de valor atua sobre o inconsciente social, tornando a maximização da produção uma necessidade, que resulta nessa exploração abordada por Han. Na obra *A arte de produzir efeito sem causa*, o leitor se depara frequentemente com representações semelhantes aos traços da sociedade do desempenho, como se verifica no seguinte diálogo:

– Ainda não me adaptei a minha nova rotina.  
– E nem vai. Vou te arrumar um trabalho antes que fique acomodado.  
– Eu quero trabalhar, não pedi para ser demitido.  
O pai não aceitaria o fato de ele haver abandonado o emprego (Mutarelli, 2008, p. 26).

O trecho mostra um diálogo entre Júnior e seu pai. É explícita, na fala de Sênior, a importância que tem seu filho estar trabalhando. O motivo da suposta demissão sequer tem relevância, pois em momento algum Sênior indaga o filho sobre isso. O incômodo é provocado exclusivamente pela falta de atitude de Júnior em relação à busca de um emprego, o que demonstra o enraizamento do valor da produção nesse contexto. Por mais que não se possa afirmar que a figura paterna tenha relação com o “chefe”, como se suporia na sociedade disciplinar, nota-se uma relação de dominância entre Sênior e Júnior. Por conta disso, o filho se sente obrigado a mentir a respeito da situação. Quando a trama se aproxima do final, Bruna, a inquilina de Sênior, passa por uma situação similar, no entanto, larga o emprego para se dedicar ao estudo dos conteúdos das entregas misteriosas e, assim como Júnior, mente para seus pais e para Sênior, também afirmando ter sido demitida.

O *animal laborans*, termo criado por Hanna Arendt, é usado para retratar o homem que vive em função da produção, no entanto, Han afirma não ser totalmente adequado para a sociedade do desempenho, uma vez que, para Arendt, o indivíduo renunciaria a sua individualidade para que pudesse “funcionar” melhor. O sujeito do desempenho é isolado, estando completamente envolvido em seu ego (Han, 2015). Então, o tipo de *animal laborans* próprio da sociedade do desempenho difere do proposto por Arendt, pois sequer consegue ter a serenidade de ser *animalesco*; ao invés disso, acaba em constante agitação devido ao excesso de produção.

Em outro momento da obra, após verificar o saldo bancário para checar o depósito prometido pelo antigo patrão, Júnior se sente desolado. O narrador descreve o seguinte pensamento “[...] quer voltar para o sofá, entrar em si mesmo, mas sabe que não pode. Já não suporta o ar repreensivo do pai. Precisa sair. Precisa arrumar um emprego” (Mutarelli, 2008, p.72). E assim, mais uma vez, a produção é proposta como veículo que agrega valor ao personagem.

#### 4 O fim dos rituais

O comportamento do indivíduo impulsionado pelo neoliberalismo na sociedade pós-moderna encaminha-se para uma vertente cada vez mais egocêntrica. Com isso, tudo aquilo que manifeste sentido de comunidade acaba tendo seu valor aniquilado. Han (2021) trata da perda dos rituais, estes que são símbolos de valores de uma comunidade, como uma involução do ser humano. Os rituais variam nas mais diversas esferas sociais, até mesmo uma reunião entre amigos pode ser considerada uma forma de ritual, pois promove aliança.

O título do livro de Han, *Sociedade do cansaço*, também nomeia seu último capítulo. Nele, são utilizadas efetivamente duas denominações de Peter Handke a respeito do cansaço: o cansaço dividido em dois e o cansaço fundamental. No primeiro, os sujeitos se individualizam e se excluem dentro de sua própria exaustão: “É um cansaço cego, calado e dividido” (Han, 2015, p. 72). Já o segundo representa uma forma de comunidade e, como já indica o nome, o cansaço é, de fato, *fundamental*, assemelha-se ao não fazer, levando o indivíduo a um estado de serenidade, de outra forma não permitida pela vida ativa do desempenho.

O cansaço fundamental ajudaria também na diminuição do egocentrismo contemporâneo, proporcionando uma espécie de comunidade sem parentesco (Han, 2015), mas ele não é bem-visto pelo desempenho.

Na obra analisada, há um trecho em que Júnior reflete sobre seu próprio cansaço: “A velha rotina não consegue mais ganhar sua atenção. Por isso cria uma nova. Está cansado de tudo. Exausto. Pouco importa o que podem dizer os médicos, para Júnior isso já não faz diferença” (Mutarelli, 2008, p. 166). A representação feita por Mutarelli se equipara ao cansaço dividido em dois, tendo em vista que se aproxima do esgotamento e não do descanso, retratando-se, mais uma vez, as imposições do neoliberalismo.

Ao tratar de descanso como um ritual, Byung-Chul Han o relaciona com a festa, pois, além de ambos partilharem do momento da “não produção”, possuem um caráter cíclico, fazendo-se necessária sua repetição. Sobre isso, Han postula:

O trabalho, que pertence à esfera do profano, separa e isola as pessoas, enquanto a festa as une e reúne. O caráter cíclico da festa faz com que, portanto, as pessoas sintam regularmente a necessidade de se reunir, pois a coletividade é a sua essência. O ciclo da festa corresponde à mudança contínua de trabalho e descanso, de dispersão e reunião (2021, p. 66).

Sendo assim, o autor sul-coreano afirma que a “[...] vida que se exaure no trabalho e na produção é um estágio absolutamente atrofiado da vida” (Han, 2021, p. 69). No decorrer da história, Júnior geralmente tem seus momentos de “descanso” em solidão, nos quais bebe sozinho, dialoga consigo mesmo e depois dorme.

Han também relaciona distúrbios psicológicos com o egocentrismo: “[...] na origem da depressão, ao contrário, está uma relação consigo mesmo exageradamente tensa. Nela, se é incapaz de sair de si mesmo, de ultrapassar em direção ao mundo, e acaba-se encapsulado em si mesmo (2021, p. 29).

Ele frisa que os rituais seriam a forma de aliviar o fardo de si mesmo. No entanto, o neoliberalismo impulsiona coerção à autenticidade, o indivíduo tão cada vez mais focado no “eu”, que exclui quaisquer valores de comunidade.

A terceira idade. A velharada agora anda em bando. Tem desconto no cinema e no teatro, mas prefere o bingo. Júnior não tem afeição pelos velhos. Acha que se aproveitam dos benefícios que lhes concederam para desfrutar seus últimos dias. Odeia quando um deles passa na sua frente na fila do banco. Odeia a dificuldade de pegar o ônibus cheio de cabeças brancas que se aglomeram na porta de entrada. Odeia vê-los dançando nos bailes em vez de ficarem em casa cuidando dos netos.

Odeia vê-los gastando o parco patrimônio no bingo quando poderiam ajudar a amenizar a miséria dos filhos. O ódio é sempre pessoal (Mutarelli, 2008, p. 46).

O excerto é um dos exemplos de como Júnior enxerga a vida em comunidade. Por mais triste e solitário que ele pareça durante a trama, mostra-se incapaz de empatizar com alguém que não seja si mesmo. Isso reforça a teoria de Han sobre a importância dos rituais, uma vez que Júnior diz não fazer questão de nenhum, mas almeja profundamente conexões humanas que é incapaz de conseguir.

### Considerações finais

A forma como Lourenço Mutarelli constrói a narrativa de *A arte de produzir efeito sem causa* leva o leitor a se conectar com o íntimo dos personagens, criando uma visão da realidade “de dentro para fora” da perspectiva do personagem Júnior. No presente artigo, foi realizada uma análise quase exclusivamente em torno do protagonista, este que é um homem de meia idade que, em alguns momentos, apresenta a postura de um menino assustado.

A pós-modernidade concebida por Gianni Vattimo é estudada por meio da ótica de Nietzsche e Heidegger. Ela é caracterizada pela rejeição de verdades absolutas e modelos puramente binários; nela tudo é relativo e passível de diferentes interpretações. Isso demonstra as características do pensamento débil.

Para Júnior, a ausência de modelos fixos a serem seguidos acarreta a utilização de moldes do capitalismo leve, proposto por Bauman, como parâmetro. O consumo e o dinheiro possuem poder sobre ele, de modo que seu humor e felicidade – se é que pode ser chamada de felicidade – dependem disso.

O termo *Verwindung*, de Heidegger, descreve uma forma de superação com múltiplos significados, sendo sua principal característica a aceitação do passado sem a necessidade de rompimento com ele. O protagonista mostra uma rejeição ao *Verwindung*, pois se recusa a lidar com traumas de dores do passado, optando por tentativas falhas de esquecer até mesmo de seus familiares, o que se assemelha ao conceito de *Ueberwindung*.

Os valores fluidos de Vattimo são aplicados à sociedade do desempenho de Han. O filósofo coreano pondera sobre a produção como um dos principais valores para esta sociedade neoliberal. Ilustrando isso, Júnior se encontra na contramão do curso desejado.

Desempregado e sem perspectiva de mudança, ele sofre duras críticas advindas do pai e até de si mesmo.

O valor atrelado ao “eu” também é uma problemática proposta por Han. A perda das noções de comunidade e o crescimento do egocentrismo cria indivíduos solitários e depressivos, o que também é refletido pelo protagonista da obra literária.

A figura de Júnior demonstra uma série de problemas da atualidade, inquietudes e medos que perpassam o âmbito cultural, social, econômico e até mesmo psicológico, traços do contemporâneo que podem ser relacionáveis para o leitor. Apesar da queda do pensamento ocidental tradicional se mostrar positiva, pois permite que sejam ouvidas vozes que anteriormente não podiam expor opinião, a presença das imposições dos moldes neoliberalistas revelam-se cada vez mais nocivas.

## REFERÊNCIAS

BALEEIRO, C. A. S. *Verwindung*: a ideia de “superação” no pensamento de Vattimo. **Correlatio**. v. 9, n. 18, p. 39-49, dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/2400>. Acesso em: 12 set. 2024.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERREIRA, V. de P. Niilismo e cristianismo no pensamento enfraquecido de Gianni Vattimo. **Sacrilegens**. v. 8, n. 1, p. 61-74, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26522>. Acesso em: 10 jul. 2024.

HAN, B. C. **O desaparecimento dos rituais**. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

HAN, B. C. **A sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MUTARELLI, L. **A arte de produzir efeito sem causa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAES, G. **“Eu sou como o polvo”**: Lourenço Mutarelli e o curriculum mortis na sociedade do desempenho. Juiz de Fora, 2023. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15894>. Acesso em: 10 jul. 2024.

TEIXEIRA, E. Pós-modernidade e niilismo – um diálogo com Gianni Vattimo. **Alceu**. v. 7, n. 13, p. 209-224, dez. 2006. Disponível em: [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n13\\_DossieTeixeira.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_DossieTeixeira.pdf). Acesso em: 10 jul. 2024.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Trad. Hossein Shooja. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

*Data de submissão: 12/03/2024*

*Data de aprovação: 24/06/2024*